

# A COOPERAÇÃO: UM CAMINHO PARA OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM ARTE \*

Maria Christina Barbosa de Almeida\*\*

**Resumo:** *Avalia a informação na área da arte, tomando como base para reflexão os serviços existentes na cidade de São Paulo, incluindo bibliotecas, arquivos, museus e centros de cultura. Discute questões conceituais, técnicas e organizacionais relevantes aos que trabalham com informação em arte no Brasil. Apresenta proposta de trabalho cooperativo que, evitando a dispersão e a subutilização da informação, favoreça o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis e a prestação de serviços de melhor qualidade.*

**Palavras-Chave:** *Serviços de Informação em Arte. Cooperação. Diagnóstico. Estudos de Caso, 1988-97. São Paulo, Brasil.*

## 1 O CONTEXTO

Os serviços de informação em arte constituem uma parcela do contexto cultural paulistano. Apresentam-se quer sob a forma de equipamentos culturais e educacionais - bibliotecas, centros de documentação, centros de referência, arquivos - quer como espaços virtuais ou reais de informação, podendo, neste caso, integrar setores de museus ou

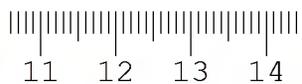
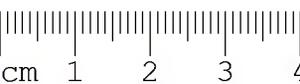
universidades, ou projetos vinculados a instituições públicas ou privadas.

A cidade de São Paulo, por abrigar toda a diversidade de sistemas de informação, pode-se prestar a um estudo de caso: uma reflexão a partir da análise daquele contexto pode ajudar a compreender os processos característicos do trabalho com a informação na área, bem como os pontos fortes e fracos das instituições e as necessidades de informação dos diferentes públicos.

Os serviços existentes em São Paulo serão aqui analisados em conjunto, mas devemos ressaltar que um de seus traços relevantes consiste na sua heterogeneidade. Além da diversidade de tipos de serviços de informação e de assuntos tratados e da variedade de tipos de materiais de seus acervos, esses serviços apresentam públicos diversificados e encontram-se em diferentes estágios de desenvolvimento, pois convivem os sistemas mais simples de informação até os mais sofisticados, de gerenciamento complexo e alto custo.

\* Revisão de trab. apres. ao I Seminário de Informação em Arte, Rio de Janeiro, out. de 1999.

\*\* Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP. Coordenadora do Grupo de Profissionais de Serviços de Informação em Arte da Cidade de São Paulo.



A análise do conjunto refere-se, assim, à situação encontrada na maioria das instituições e não a casos individuais, que constituem desvio padrão. Isso não diminui a importância dos trabalhos mais relevantes na cidade, mas, ao contrário, lhes confere a responsabilidade de serem exemplares e de liderarem esforços e ajudarem os demais serviços de informação da área a encontrar seus caminhos.

## 2 ANTECEDENTES

As reflexões aqui apresentadas têm como base uma vivência de mais de vinte anos em serviços de informação em arte e um diagnóstico que elaborei em 1985 e, depois, atualizei, em 1988, além de um estudo de caso desenvolvido de 1995 a 1997, este último restrito à área de artes visuais.

O primeiro diagnóstico, que envolveu dezoto instituições da cidade, apontou as seguintes características básicas na maioria das bibliotecas estudadas: insuficiência de recursos humanos; insuficiência de recursos físicos e materiais; insuficiência de recursos financeiros; desatualização dos acervos; atraso no processamento técnico dos acervos; raras e incipientes iniciativas de informatização de acervos.

Analisando-as como um conjunto, identificaram-se os seguintes pontos frágeis e comuns:

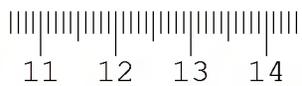
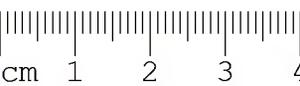
- falta de diretrizes na formação das coleções e conseqüente dispersão do acervo;
- falta de racionalização de procedimentos técnicos;
- necessidade de modernização do trabalho, pela adoção de novos enfoques profissionais e pela utilização das novas tecnologias.

Em relação à formação dos acervos, verificou-se que, de maneira geral, cada unidade de informação foi-se formando em volta de sua instituição, crescendo desordenadamente em função de demandas internas de caráter imediatista ou de doações recebidas e automaticamente incorporadas ao acervo. Não havia, na maioria desses serviços, uma política de seleção, o que evitaria esse crescimento desordenado, que incha o acervo sem lhe dar personalidade própria. Não havia, tampouco, uma política de aquisição que garantisse recursos sistemáticos e periódicos destinados à aquisição de material para o acervo. Disso decorreu o 'envelhecimento' das coleções, traço encontrado na maioria das bibliotecas analisadas.

Por essas razões, visto como um todo, o acervo de livros e revistas de arte disponível nas bibliotecas de arte da cidade era, aparentemente, muito rico. No entanto, vistos isoladamente, o que se encontrou foram acervos desatualizados, fragmentados, descaracterizados e pouco representativos.

Por outro lado, embora a maioria das unidades de informação bibliotecas possuísse coleções de outros tipos de documentos, principalmente de fotos, *slides*, vídeos e cartazes, tais coleções apresentavam os mesmos problemas das coleções bibliográficas - fragmentação, dispersão, desatualização e falta de representatividade.

Em muitos casos, essa ausência de uma política de formação e desenvolvimento de coleções refletia a falta de política da própria instituição. A indefinição da vocação da biblioteca, se, por um lado, tornava arbitrário o crescimento de seu acervo, por outro, provocava, no quadro geral dos diversos acervos da cidade, grandes duplicações. Além disso, a grande diversidade de assuntos presente na



maioria das nossas bibliotecas de arte também contribuía para dificultar o acesso à informação.

Verificou-se, por outro lado, que a diversidade de assuntos - característica das coleções analisadas - não significava, infelizmente, representatividade de acervo. Pelo contrário, em algumas bibliotecas, a amplitude de assuntos e o acúmulo de obras dela decorrente, acabou por prejudicar a formação de acervos representativos, ficando o material especializado e relevante, muitas vezes, diluído em meio a um acervo de generalidades.

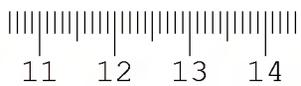
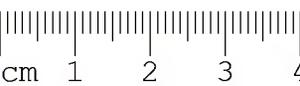
Além da falta de recursos para o desenvolvimento adequado dos acervos, a dificuldade de acesso aos documentos era agravada pelo grande número de obras não catalogadas ou pelo processamento técnico inadequado. No primeiro caso, o problema era resultante, quase sempre, de crônica falta de recursos humanos, da inexistência de programas informatizados e da falta de um trabalho cooperativo na área, que evitaria que uma obra fosse catalogada mais de uma vez, duplicando esforços para o mesmo fim. No segundo caso, deve-se ressaltar a falta de formação especializada do bibliotecário, bem como a falta de instrumentos de apoio ao trabalho de tratamento da informação, como *thesauri* e vocabulários controlados em língua portuguesa, nas várias áreas, acarretando falhas na indexação e, conseqüentemente, na recuperação de informações. Por todas essas razões, muitas coleções, embora valiosas, não estavam disponíveis ao usuário por falta de tratamento técnico adequado de seu acervo.

Os documentos audiovisuais e a diversidade de suportes documentários normalmente encontrados nas bibliotecas de arte

acentuaram ainda mais o problema do acesso às coleções, por exigirem processamento técnico e armazenamento especiais, que dependiam de recursos humanos capacitados e de recursos físicos e materiais que garantissem as condições mínimas de arquivamento das coleções.

Alguns dos serviços de informação encontravam-se estreitamente vinculados às instituições que os abrigavam, estando seu acervo e suas atividades integrados aos projetos dessas instituições. Outros, no entanto, eram organismos totalmente desvinculados dos objetivos das instituições de que faziam parte: seus acervos não eram pertinentes às áreas de interesse dessas instituições, seus serviços não estavam integrados às linhas de trabalho ou às prioridades das mesmas, seus horários de funcionamento eram inadequados e, por essas razões, seu público - quando possuíam público - não era o público que freqüentava outros espaços da instituição, nem pertencia a seu quadro funcional. Com tal configuração, esses serviços constituíam espaços parciais, isolados dentro da instituição, como flores nascidas em terreno baldio. Isto contribuiu para que, dentro da política velada da instituição, fossem geralmente tratados como dispensáveis, supérfluos. Não sendo partes vitais para o funcionamento dessas instituições, eram marginalizados. Daí a precariedade de seus acervos e serviços.

Entre esses dois extremos - a unidade de informação integrada à instituição mantenedora e a unidade de informação isolada - encontrava-se a maioria das bibliotecas e dos serviços de documentação em arte analisados na cidade de São Paulo que, embora tivessem maior ou menor pertinência dentro de suas instituições, não conseguiam, pelas razões mais diversas, o reconhecimento, pela alta administração



daquelas, da importância de seus serviços. Conseqüentemente, não eram situados como setores prioritários dentro da instituição, o que restringia suas ações e influências. Prova disto é o fato de que o bibliotecário raramente fazia parte dos órgãos decisórios dessas instituições, o que lhe permitiria intervir mais diretamente na formulação de diretrizes, na distribuição de verbas e, paralelamente, colaborar em projetos atinentes a outros setores, tornando-se parte verdadeiramente ativa e integrada à instituição.

O diagnóstico também apontou que os bibliotecários de arte não estavam organizados, a exemplo dos de outras áreas ou de outros setores, em grupos de trabalho inter-bibliotecas, destinados à discussão de problemas comuns e à busca de soluções integradas. As bibliotecas trabalhavam de forma muito isolada, o que não é mais viável em função do excesso de informações e documentos em circulação hoje em dia, bem como da carência generalizada de recursos materiais e humanos e da necessidade de racionalização.

Todos esses fatores contribuíam para que, vistos como um todo, os recursos informacionais das bibliotecas e centros de documentação em arte existentes na cidade de São Paulo se encontrassem dispersos e fragmentados, distribuídos, sem muita lógica, em várias instituições. Essa dispersão e a falta de preocupação ou a falta de conhecimento do conjunto dessas coleções certamente acarretaram muitas duplicações e grandes lacunas.

Pela situação acima descrita, pode-se avaliar o caminho que precisava percorrer aquele que buscasse uma informação ou um documento específico. Era um périplo, de biblioteca em biblioteca, que, presumivelmente, possuísse o documento ou a informação. Busca sujeita à não-existência do documento na cidade, ao desconhecimento de sua existência por falta de

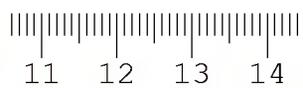
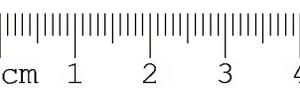
registro ou de divulgação, ou - caso ele existisse - à falta de acesso, pela impossibilidade de empréstimo ou dificuldade de consulta.

Conforme exposto acima, há uma ampla faixa de usuários de documentos atinentes às artes - o estudante, o professor, o pesquisador, o agente cultural, o profissional de cada uma das áreas e outras pessoas interessadas sem formação adstrita à área. Existe, assim, potencialmente, ampla gama de demanda. Entretanto, face ao contexto apresentado, as pessoas se sentiam desestimuladas em proceder às buscas e acabavam se contentando com uma ou outra indicação bibliográfica conseguida por acaso, por freqüência a livrarias ou por sugestão de amigos ou professores - a aleatoriedade alçada à condição de sistema, em suma.

Grande parte da informação existente nas bibliotecas de arte, nos centros de documentação e nos arquivos especializados era subutilizada porque, na prática, estava inacessível a seu usuário. O conceito de informação precisa ser vinculado à sua disponibilidade e acessibilidade, uma vez que, a rigor, só pode ser considerado informação aquilo que cumpre seu objetivo de informar, aquilo que atinge seu público.

A preocupação com a inacessibilidade da informação em arte na cidade de São Paulo levou-nos, em 1988, à proposta de criação de um *Centro de Referência em Arte* que seria alimentado pelas instituições que possuísem acervos documentários disponíveis ao público.

Essa proposta foi a retomada de um projeto anterior, que elaboramos entre 1984 e 1985, a pedido da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, que se denominava *Rede de*



*Informação em Arte* e cuja coordenação es-  
taria no Centro Cultural Três Rios - hoje Ofi-  
cinas Culturais Oswald de Andrade. Apesar  
de ter sido encomendado e pago, o projeto  
não teve qualquer repercussão nem desdobra-  
mento.

Durante os três anos que se haviam passado  
(entre 1985 e 1988), a situação da informa-  
ção na área de arte não se modificou. Esfor-  
ços isolados de algumas bibliotecas eram in-  
suficientes para transformar o estado de pre-  
cariedade da informação e da documentação  
na área. Por essa razão, reelaboramos a idéia  
da *Rede de Informação em Arte*, então  
amadurecida, revista e ampliada, e, em 1988,  
apresentada ao Instituto Cultural Itaú (ICI),  
que fez dela um de seus mais importantes  
programas, denominando-a, erroneamente, a  
meu ver, *Centro de Referência Bibliográfica*.

Esse Programa previa a implantação de uma  
rede automatizada de informações na área de  
arte, a partir do eadastro de documentos exis-  
tentes nas bibliotecas cooperantes numa base  
de dados central, possibilitando o acesso dos  
interessados a quaisquer tipos de documen-  
tos referentes às áreas de artes localizados nas  
bibliotecas participantes da rede.

Poderiam participar da rede, inicialmente, as  
bibliotecas de arte da região metropolitana de  
São Paulo, incluindo tanto as bibliotecas e  
centros de documentação especializados  
como também as coleções de arte de grandes  
bibliotecas. Mais tarde, bibliotecas com acer-  
vos especializados e localizadas em outras  
cidades ou em outros estados poderiam, gra-  
dualmente, integrar o programa.

A base de dados comportaria não apenas  
registros de documentos impressos (livros,  
teses, artigos de periódicos, folhetos, catá-  
logos de exposições de arte, programas de tea-

tro, etc.), como também documentos  
iconográficos (fotos, ilustrações, gravuras,  
postais, *slides*, etc.) disponíveis nas bibliote-  
cas participantes.

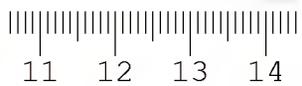
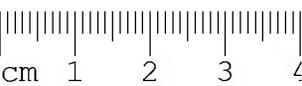
Para o controle da parte temática dos docu-  
mentos elaboramos o *Vocabulário Controla-  
do de Arte*, trabalho que foi desenvolvido,  
no período de 1989 a 1991, por um grupo de  
bibliotecários especializados em arte, repre-  
sentando as bibliotecas da Escola de Comu-  
nicações e Artes e da Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo da USP, do Museu  
Lasar Segall, do MASP e do próprio ICI, além  
da Seção de Arte da Biblioteca Mário de  
Andrade.

Tratava-se de uma iniciativa pioneira, numa  
área em que, até então, no Brasil, nada havia  
sido feito. No entanto, apesar do elevado po-  
tencial de inovação do projeto, a experiência  
não foi bem sucedida.

### 3 O QUADRO GERAL, DEIXANDO DE LAO AS EXCEÇÕES

Pudemos observar que não houve grandes  
mudanças no quadro analisado em 1985 e em  
1988. Em 1995, no entanto, embora, como  
um conjunto, ainda não se percebesse grande  
evolução nos serviços de informação, isola-  
damente, muitas instituições se desenvolve-  
ram e estão em condições de prestar um ser-  
viço de ponta na área e de liderar esforços  
cooperativos, a única saída para um salto qua-  
litativo de nossa atuação na área.

As mudanças foram sentidas, principalmente,  
no que tem sido chamado de infraestrutura.  
Muitas bibliotecas sofreram reformas de es-  
paço físico que lhes permitiram melhor abri-  
gar seus acervos e seus usuários, tomando-se  
espaços agradáveis e funcionais. Ao lado dis-  
so, muitas unidades de informação - biblio-



tccas, arquivos, centros de documentação, serviços de documentação museológica – encontram-se hoje informatizadas, ou em processo de informatização, o que hoje é condição essencial para o acesso à informação e aos documentos.

No entanto, há ainda muito o que fazer. Devemos ser exigentes: é preciso ampliar benefícios, tanto em qualidade de acervo, serviços e produtos, quanto em quantidade - aumentando a oferta de informação e de serviços e alargando e diversificando seu público.

Os recursos financeiros são sempre insuficientes; e quase inexistentes, em épocas de crise econômica. Por isso é preciso não dispersar recursos e esforços com projetos inviáveis, inadequados ou inúteis, ou com projetos que, isolados, mesmo que tenham qualidade, nunca poderão cobrir as necessidades informacionais da área, mostrando-se, rigorosamente, ineficazes.

Bibliotecas, arquivos e centros de documentação estão ainda muito distantes do dia-a-dia dos profissionais das artes - à possível exceção dos pesquisadores, historiadores e críticos que, por força da natureza de suas funções, devem incansavelmente buscar informação e descobrir documentos. Grande parte da informação existente nas bibliotecas de arte, nos centros de documentação e nos arquivos especializados é subtilizada porque, na prática, é inacessível a seu usuário. Há resabiada credibilidade nos serviços de informação em arte, em decorrência não apenas de idéias estereotipadas sobre esses serviços, mas também de experiências traumáticas desses usuários na busca de informação, geradas pela demora - ou total impossibilidade - em localizar uma informação ou documento desejado ou pela falta de acesso, resultante de regulamen-

tos arbitrários que, ao invés de regularem o funcionamento dos serviços de consulta e empréstimo, dificultam e, muitas vezes, impossibilitam o uso do material.

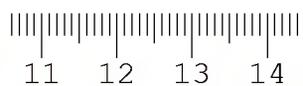
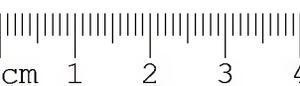
Na verdade, algumas bibliotecas e serviços de documentação ainda estão organizados de forma obsoleta, sem objetivos e funções claramente definidos, e sem um regimento adequado ao novo contexto informacional e às novas demandas. Por esses motivos, aliados à crônica falta de pessoal ou à carência de treinamento do pessoal existente, faltam, de maneira geral, agilidade e dinamismo aos serviços.

## 4 NOVAS FUNÇÕES, NOVAS FORMAS

### 4.1 A cooperação

A solução para a situação encontrada na cidade deve ser buscada na definição de uma estratégia global para as bibliotecas e os serviços de documentação da arte que favoreça o surgimento de projetos cooperativos, que possibilitem o aproveitamento compartilhado ou integrado dos recursos, a comunicação informatizada entre os membros dessas redes e a interligação com outros sistemas e redes ou bases de dados externos, acompanhando a tendência internacional de ganhos de escala em termos de trabalho com informação.

Esses projetos cooperativos podem contemplar toda a gama de atividades relacionadas à documentação da arte e sobre arte, a partir da formulação de um programa de ação na área, desenvolvido, inicialmente a partir das cidades que já tenham se organizado minimamente, como São Paulo e Rio de Janeiro, e que cubra atividades que abarquem desde a coleta de dados e documentos, até o tratamento dessas informações, bem como os mecanismos para sua divulgação e seu acesso.



Um programa com tal abrangência não pode envolver, naturalmente, apenas o bibliotecário de arte, mas todos os profissionais que atuam na área de informação de arte e especialistas. Torna-se, pois, necessário desenvolver uma estratégia de comunicação que minimize as barreiras existentes entre os diversos profissionais responsáveis por serviços de informação e por coleções - museólogos, arquivistas, bibliotecários - e os pesquisadores e especialistas.

O sucesso do programa depende, antes de mais nada, da clara definição das funções e formas da documentação da arte. Pressupõe, ainda, um profundo conhecimento de cada unidade de informação, de seu papel e do que representam seu acervo e seus serviços, o que depende de uma prévia definição, pela instituição, quer seja o museu, a escola, ou qualquer outra instituição cultural, de sua missão e de seu raio de atuação, e que, naturalmente, orientará a sua própria política de informação. A força do programa repousa, sobretudo, na existência de uma direção comum e, para tanto, requer que se minimizem as divisões que agrupam as bibliotecas por tipo ou por fonte de recursos, pois, ao agrupá-las, separam-nas.

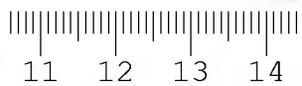
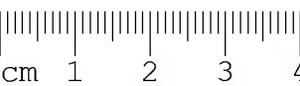
O sistema integrado de informação que aqui propomos não envolveria apenas atividades e serviços em torno do acervo. Incluiria atividades relativas à documentação nas várias áreas de arte que, até o momento, ou não são desenvolvidas, ou são realizadas de forma precária. Serviços ou projetos de informação em arte surgem, na maioria das vezes, sem diagnósticos prévios, desenvolvem-se por algum tempo, são raramente avaliados e, com frequência, sofrem de um mal que já foi apontado por Teixeira Coelho em relação às instituições culturais: não são encerrados. Muitos projetos são apenas abandonados, deixa-

dos à mingua - como verdadeiros planetas mortos, sem destino ou futuro - sem merecer sequer uma avaliação, uma reflexão que resulte na decisão de suspendê-los.

Para integrarem um sistema de informação, as instituições precisariam modernizar-se, o que implica não apenas a instalação de novos equipamentos, mas também a reciclagem de pessoal e a revisão de procedimentos, cortando rotinas desnecessárias, eliminando formulários inadequados e revendo estruturas organizacionais, regimentos, normas e regulamentos anacrônicos ou simplesmente inadequados.

#### 4.2 Recursos humanos

Dentre os aspectos necessários ao desempenho satisfatório dos serviços de informação em arte, na cidade de São Paulo, destacam-se, em primeiro lugar, os recursos humanos. A cidade possui um acervo documental de especial relevância, equipamentos com capacidade para abrigar bases de dados especializadas, infraestrutura para a circulação e a divulgação de informações e público para esses serviços. Dos profissionais se requer conhecimentos especializados e vivência na área de arte e capacidade de estruturar sistemas de informação que estimulem o uso de informações na área e venham ao encontro das necessidades dos diversos públicos dessa informação especializada. Mas as instituições nem sempre estimulam ou dão condições para o desenvolvimento desses profissionais. O quadro encontrado nas diferentes bibliotecas paulistanas revela profissionais competentes, mas tal competência resulta, via de regra, de interesse pessoal e de uma certa familiaridade com a área, aliados a um sério compromisso profissional, e não de educação formal, que, sem dúvida, lhes daria maior segurança no exercício de suas funções, contribuindo para uma atitude pro-ativa em relação ao usuário e à instituição.



### 4.3 A integração dentro e fora da instituição

Ao lado da necessidade de integração de informação entre instituições afins, há necessidade de sua integração nos vários setores, dentro da mesma instituição, seja ela a universidade, o museu ou qualquer outra instituição cultural.

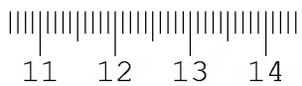
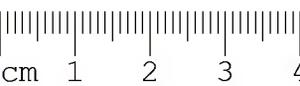
No museu, o trabalho com a informação ainda se desenvolve de forma fragmentada, distribuído em espaços 'especializados', muitas vezes mero eufemismo para a criação de rincões corporativos, dificultando, dessa forma, o livre fluxo da informação e seu acesso tanto pelos profissionais dos museus quanto pelo público. A falta de acesso à informação prejudica a pesquisa e a catalogação do acervo e pode ser responsável pela duplicação de pesquisas ou atividades. A documentação e a pesquisa dentro do museu são, também, prejudicadas pela precariedade de difusão de seus produtos, muitas vezes em decorrência da postura dos profissionais ou das diversas equipes, que preferem desenvolver trabalhos isolados a projetos integrados. Essa precariedade acaba prejudicando o desempenho geral do museu e o atendimento ao público.

O museu, sua biblioteca ou centro de documentação, e seu arquivo devem formar um único sistema de informação, atuando de forma integrada e produtiva, tendo, como finalidade, os próprios objetivos da instituição e, como foco principal, o acervo de arte do museu, seus assuntos e suas linhas de pesquisa. A dinamização das bibliotecas dos museus está, portanto, diretamente relacionada à sua maior integração aos demais setores que produzem e usam informação - documentação, pesquisa, educação e extensão - e à sua capacidade de desenvolver projetos integrados que ampliem o acesso à informação e ao conhecimento produzidos no museu.

A falta de articulação das unidades que produzem, armazenam e consomem informação também ocorre na própria universidade, onde a biblioteca de arte nem sempre cumpre, de maneira eficaz, suas finalidades. A razão básica é a mesma: a falta de integração aos programas de ensino, pesquisa e extensão. Distante dos professores e alheia ao conteúdo das disciplinas ministradas na graduação, na pós-graduação e em cursos de especialização, a biblioteca de arte da universidade acaba sendo subutilizada, malgrado a riqueza de seus acervos e a infraestrutura material de que dispõe. Outrossim, por não estar diretamente envolvida com os projetos de pesquisa e de extensão desenvolvidos na unidade, a biblioteca deixa, também, de se preparar para funções que dela se esperam.

Consumida pelo uso que dela fazem os alunos de graduação, quase sempre em busca da bibliografia básica, ou seja, do mínimo, a biblioteca tem um papel quase administrativo, interferindo muito pouco para o aprimoramento do corpo docente e discente e para o despertar de outros públicos para o estudo, a pesquisa, ou o gosto pela arte. Desta forma, a biblioteca permanece a reboque do ensino e da pesquisa, quando poderia contribuir para melhorar a qualidade dos mesmos.

Uma nova forma de atuação exigiria a aproximação dos bibliotecários aos professores, propondo apoio direto aos cursos e ao trabalho dos alunos por meio de uma exploração maior das fontes de informação em arte. Há um desconhecimento abismal e generalizado das fontes de informação por parte de professores, artistas, pesquisadores e profissionais que militam na área de arte. Por essa razão, o domínio de fontes de informação pelos professores e por alunos de graduação, pós-graduação e especialização, poderia trazer como benefício a melhoria da qualidade dos trabalhos práticos e de pesquisa na área,



provocando, concomitantemente, a incorporação dessa atividade à prática dos futuros profissionais.

Em síntese, em qualquer instituição, a atuação mais eficaz dos serviços de informação está diretamente ligada a um papel mais atuante, comprometido com a vida da instituição, seus projetos, suas linhas de pesquisa e suas atividades.

#### 4.4 A ampliação dos públicos

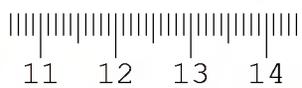
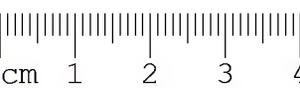
A informação sobre arte deve ser cuidadosamente tratada, mas não se deve destinar apenas a especialistas. Pode-se apresentar tanto com roupagem mais 'sisuda', voltada ao especialista, como sob forma mais 'leve', voltada para o público em geral. Alerta-nos Hannah Arendt que a sociedade de massa não quer cultura, mas lazer e diversão (Arendt, 1979). Será que a biblioteca de arte, ao menos por suas imagens hoje disponíveis tanto em papel quanto em publicações eletrônicas não poderia ser mais atraente ao público em geral? Não poderia ser agradável, divertida, sem que isso a desmerecesse?

Todas as áreas de cultura - o cinema, o teatro, o museu - têm, hoje, a preocupação de formar seus públicos. Não vemos, entretanto, bibliotecas e arquivos de arte investindo em tal política, dispensando-a, como se fossem instituições de valor indiscutível e de uso obrigatório. Não contestamos tal apreciação, mas, quanto a seus benefícios, dependem do uso que delas se faz, uso este ainda muito restrito.

Houve um momento em que a biblioteca pública - particularmente a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo - interferiu na circulação de informações sobre arte, na formação de público, no desenvolvimento da crítica especializada e no surgimento dos primeiros museus de arte na cidade, e suas

atividades influenciaram a criação e o projeto desenvolvido nos primeiros anos do IDART (hoje, Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo), assim como algumas atividades desenvolvidas pelos museus de arte. Mas, infelizmente, testemunhamos sua paulatina redução, malgrado o esforço heróico de alguns funcionários, a um bom acervo - embora desatualizado e com lacunas - que é certamente subutilizado, pois atende, sobretudo, a estudantes de escolas ou faculdades em que, provavelmente, não há boas bibliotecas.

Na cidade de São Paulo, são as bibliotecas e os arquivos da Universidade de São Paulo que apresentam as melhores condições de organização, difusão e acesso à informação na área de arte. Com a finalidade de dar apoio ao ensino e à pesquisa, bem como a atividades de extensão, são as bibliotecas universitárias que possuem a melhor infraestrutura e as que contam com as maiores facilidades de recursos financeiros, em função de verbas destinadas à pesquisa que, no caso das grandes universidades públicas do Estado, têm reforçado significativamente seus orçamentos, possibilitando melhoria de acervo, mobiliário, equipamento e espaço físico. Essas bibliotecas contam, também, com outras condições favoráveis ao desenvolvimento de um trabalho mais aprofundado: são reconhecidamente indispensáveis ao ensino e à pesquisa, atividades-fim da universidade, e possuem um público relativamente homogêneo, que apresenta necessidades informacionais mais facilmente identificáveis do que o de outras instituições e que geralmente tem uma relação mais prolongada com a instituição, permitindo à biblioteca desenvolver um trabalho mais cuidadoso com a informação especializada, com possibilidade de colaboração direta no ensino e na pesquisa. No entanto, as atividades atualmente realizadas pelas bibliotecas universitárias de arte analisadas têm-



se limitado ao convencional atendimento e processamento da informação 'em massa', deixando de desenvolver projetos ou serviços especializados, indispensáveis à melhoria do ensino e da pesquisa na área, bem como à produção de novos conhecimentos, compatíveis, portanto, com as funções da universidade.

As bibliotecas e serviços de informação em museus de arte merecem especial atenção devido a suas possibilidades de atuação. A cidade possui mais de dez museus de arte, que geralmente contam com biblioteca ou serviço de documentação que, se bem explorados, podem ser instrumentos importantes na educação estética e na pesquisa sobre arte. A riqueza de sua atuação decorre da diversidade de suas coleções e de seus usuários, e, principalmente, de sua possibilidade de integração a outras atividades de informação e documentação dentro do museu, bem como a serviços de informação de outras instituições. Na realidade, a biblioteca, o arquivo e o setor de catalogação e documentação do acervo ainda são espaços muito pouco explorados e, geralmente, não são áreas prioritárias dentro de nossos museus de arte. Essa 'pouca importância' atribuída a essas áreas é, geralmente, reforçada pelo reduzido número de usuários que as frequentam. Há exceções: no Museu Lasar Segall, por exemplo, a biblioteca registra elevada frequência de usuários e é objeto de atenção especial, capaz de transformá-la em um dos setores prioritários da instituição (é prioritário porque tem muitos usuários, ou tem usuários porque é prioritário e apresenta acervo atualizado, funcionários competentes e horário de atendimento adequado?).

O público da informação em arte é muito amplo e diversificado. É preciso desenvolvermos estudos que ajudem a definir a importância da biblioteca e dos centros de do-

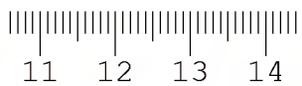
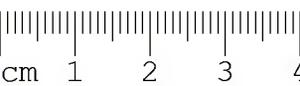
cumentação em sua atividade profissional, identificar bibliotecas/centros de documentação de maior significado, identificar suas fontes de informação; saber, enfim, como trabalham e em que medida usam os serviços de informação estruturados e as novas tecnologias, além de colher sugestões sobre a questão da documentação da arte e sobre o papel que devem desempenhar as bibliotecas e os serviços de informação da arte hoje, em nosso meio. É preciso investigar se este público está chegando à informação pelos serviços de informação institucionais e, caso contrário, investigar as razões pelas quais isto não está acontecendo.

Devemos nos ocupar também do "não-público", o usuário em potencial da documentação artística, priorizando-se, aqui, os profissionais da área que não frequentam serviços de informação.

Entretanto não podemos deixar de lado o público não especializado - o estudante, o professor, o pesquisador, o agente cultural ou qualquer pessoa interessada nas várias modalidades de arte - que também constitui uma faixa considerável da demanda potencial.

Ampliar o público da informação sobre arte é também uma maneira de formar novos públicos para as artes, favorecendo a compreensão da arte, estimulando a criação, a atividade artística e a pesquisa na área, e fornecendo elementos para a apreciação artística.

Formar o apreciador de arte é, justamente, dar elementos para que o indivíduo possa se apropriar dos bens culturais, numa tentativa de combater a privação imposta pela instrução deficiente e pela origem social. Essa apropriação se inicia pelo domínio do código. E isso se pode aprender. Esse conhecimento implica a formação de um patrimônio cognitivo, de uma competência artística, que



complementa a recepção puramente estética, “potencializando a fruição ao abrir, para o receptor, diferentes caminhos de aproximação à obra de arte” (Coelho Netto, 1997:95). A competência artística, de acordo com o *Dicionário Crítico de Política Cultural*, é constituída por informações sobre elementos estilísticos, históricos, biográficos e outros que possibilitam a determinado indivíduo ou grupo “identificar uma obra no interior do universo artístico em que se encaixa” (Id., *ibid.* loc. cit.). A informação artística tem, portanto, um papel a desempenhar no desenvolvimento da competência artística dos indivíduos e na formação de público para as artes. Desta forma, nesse espaço devem atuar, dentre outras, as instituições que cuidam da informação e da documentação da arte.

#### 4.5 As novas tecnologias

Embora a maior parte do público especializado ainda não tenha incorporado a seu cotidiano o uso de CD-ROM ou de publicações eletrônicas, utilizando a Internet principalmente para correio eletrônico, é inegável que as novas tecnologias são responsáveis pela multiplicação de fontes de informação colocadas à disposição dos interessados, quer sejam usuários especializados ou não, e que, em futuro próximo, fatalmente delas lançarão mão.

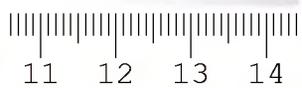
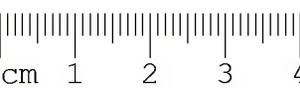
As novas tecnologias, cada vez mais acessíveis às bibliotecas e serviços de documentação, têm-se mostrado instrumentos fundamentais para registro e difusão de texto e imagem de arte e sobre arte, atividades que tiveram, recentemente, enorme avanço, devido às possibilidades oferecidas pela digitalização. Nos últimos cinco anos, particularmente, tivemos ocasião de acompanhar a gradual incorporação das novas tecnologias pelas bibliotecas, arquivos e museus, onde têm sido utilizadas tanto como suporte de informação em texto ou imagem (documentos eletrônicos), quanto como ferramenta para

armazenamento e recuperação de informação (bancos de dados).

A maioria das bases de dados que se desenvolvem em nossas bibliotecas e museus ainda constituem iniciativas isoladas que precisam ser analisadas, discutidas e avaliadas no contexto informacional da área, levando em conta o uso que dela fazem os especialistas, bem como suas perspectivas futuras. Por falta de políticas de informação nas instituições, as redes informatizadas ainda não estão sendo aproveitadas para a integração dos diversos sistemas de informação tanto da instituição quanto de fora.

De outra parte, a imagem digitalizada ainda não substituiu o *slide* em nossos cursos de história da arte, muito embora projetos de digitalização de imagens estejam se desenvolvendo em vários museus, galerias e bibliotecas, bem como em instituições de ensino e pesquisa. Os bancos de imagens, embora representem uma solução apropriada à demanda de imagens, ainda apresentam alguns fatores técnicos, jurídicos e organizacionais que impedem seu desenvolvimento em larga escala. O primeiro deles diz respeito à falta de padrões técnicos para o processamento e o acesso a essas imagens, de forma a garantir a qualidade das mesmas e possibilitar o intercâmbio de informações. A tecnologia em constante mudança e os altos custos envolvidos em todo o processo também são obstáculos ao desenvolvimento das bases de imagens eletrônicas. Somam-se a esses fatores questões relativas a direitos autorais, que começam a ser discutidas, mas não estão claramente resolvidas em nosso meio.

Embora seja raro encontrar resistência do pessoal das bibliotecas e dos museus de arte à utilização das novas tecnologias, ainda não se encontram recursos humanos



suficientemente preparados para enfrentar esse desafio. Por essa razão, e também pela crônica falta de recursos, na área de cultura, a passagem para essas novas tecnologias é bem mais lenta que em outras áreas do conhecimento, como as de ciência e tecnologia. Por isso, da mesma forma que convivem, nas bibliotecas e arquivos, documentos que se apresentam em vários formatos, convivem também catálogos em fichas, às vezes até escritas à mão, geralmente repertoriando o material retrospectivo, e bases automatizadas, com o material mais recente.

Para solucionar o desafio de possibilitar o acesso informatizado à informação hoje disponível há alguns pré-requisitos que devem ser alcançados. Em primeiro lugar, a obediência a formatos internacionais de comunicação que garantam a convivialidade das grandes bases de dados informatizadas, para que não corram o risco de ficarem isoladas das redes de comunicação ou de ficarem congeladas, sem possibilidade de conversão automática para outros sistemas. Em segundo lugar, a normalização dos dados a serem inseridos nas bases automatizadas.

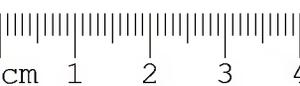
As novas tecnologias permitem a formação de acervos virtuais sobre arte que não podem ser estruturados como uma duplicação do museu, do arquivo ou da biblioteca; devem ter objetivos claramente definidos e, em consonância com esses objetivos, devem fazer escolhas, com base em critérios de valor. Por outro lado, as bases de dados informatizadas precisam aproveitar ao máximo sua capacidade de armazenamento e de estabelecer relações, possibilitando, na esfera do virtual, o processo do 'ordenar para desordenar'<sup>1</sup>, que permite ao usuário defrontar-se com a diver-

sidade de idéias e interpretações, muitas vezes contraditórias. Esse contato com os múltiplos olhares da arte, que podem estar presentes - sob a forma de textos ou imagens digitalizadas - na base de dados, será profundamente enriquecedor, pois ampliará as possibilidades de leitura de cada obra de arte e de cada artista e favorecerá a compreensão geral da história da arte.

Há um certo entusiasmo por parte de administradores de instituições culturais e de profissionais da informação em relação ao potencial das novas tecnologias, sobretudo no que concerne às possibilidades oferecidas pela *Internet* e pela digitalização de textos e imagens. A esse entusiasmo, entretanto, nem sempre corresponde o necessário preparo dos profissionais envolvidos com essas novas tecnologias, seja em relação à questão da padronização, seja às implicações técnicas e jurídicas da digitalização e distribuição eletrônica de textos e imagens. Em muitos casos, registra-se total ausência de planejamento e, em outros, a falta de planejamento participativo, que poderia minimizar o risco de canalizar um grande investimento sem a probabilidade do esperado retorno em benefícios para a instituição e seu público. O entusiasmo em relação às novas tecnologias deve, após o arrefecimento da inicial euforia, ser administrado com a devida cautela, pois o sucesso de um sistema de informação está na dependência de decisões bem planejadas, de recursos humanos preparados e da criação de ambientes organizacionais favoráveis.

O planejamento e o efetivo gerenciamento da informação precedem o uso das novas tecnologias, de forma a incorporá-las, produtivamente, ao cotidiano dessas instituições, para que funcionem como ferramentas para enfrentar desafios, resolver pro-

<sup>1</sup> Idéia proposta por Luís Milanesi para as bibliotecas públicas (Milanesi, 1986)



blemas e cumprir metas da instituição, ou, com horizontes mais modestos, para ampliar o acesso à informação produzida por meios tradicionais ou eletrônicos ou conectar sistemas de informação em todo o mundo. O planejamento envolve definição de prioridades, justificativas bem fundamentadas, avaliações de custo-benefício, estudos do impacto das novas tecnologias no público e nos demais serviços de informação oferecidos, além de projetos técnicos, elaborados em conjunto, contemplando as várias facetas da informação que é produzida e circula na instituição, e fornecendo dados objetivos acerca dos resultados esperados.

#### 4.6 A produção de fontes de informação

Ao mesmo tempo em que dispõem, ainda que virtualmente, de recursos ilimitados de informação, proporcionados pelo acesso à *Internet*, as bibliotecas e serviços de documentação em arte não contam, no que diz respeito à arte brasileira, com fontes de referência básica atualizadas, como dicionários, enciclopédias, bibliografias, índices e *abstracts*, que lhes permitam um acompanhamento da área, tanto sob o ponto de vista histórico e teórico, quanto sob o ponto de vista das práticas desenvolvidas. Há pouquíssimos catálogos *raisonnés* publicados e muitas das teses produzidas nas universidades não chegam ao público especializado que não tenha vínculos com essas instituições. Tais lacunas dificultam sobremaneira o trabalho do pesquisador, em prejuízo da pesquisa, particularmente na área de arte contemporânea.

As atividades voltadas ao controle da informação na área constituem iniciativas isoladas, que, embora relevantes, ganhariam maior visibilidade se estabelecessem algum tipo de vínculo umas com as outras, para se obter, no

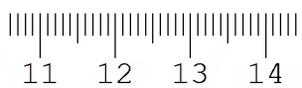
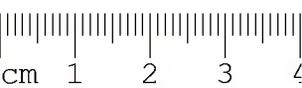
conjunto, uma rede de informação representativa da arte brasileira.

No panorama da arte brasileira, especialmente da arte contemporânea brasileira, esses serviços de informação têm um papel relevante a desempenhar, à medida que podem ser responsáveis pelos únicos registros a respeito de determinados artistas, cineastas, ou outros profissionais que a sociedade, por descuido ou por pressão do mercado, muitas vezes marginaliza.

#### 4.7 O que guardar?

É preciso guardar todos os documentos produzidos sobre a arte e os artistas brasileiros, em primeiro lugar, porque existe muito pouca informação publicada sobre o assunto e, em segundo lugar, porque qualquer seleção, ainda que feita por especialista competente, subjetivamente impõe um viés às coleções, o que pode significar prejuízo à história da arte. O acervo deve estar disponível de forma a possibilitar novas interpretações ao longo do tempo, decorrentes de novas teorias ou de novas articulações que acarretem novas leituras, não apenas da obra de arte em si, mas também da documentação textual que a concerne.

Guardar tudo não significa que todos devam guardar tudo, mas pressupõe uma distribuição dos documentos estocados e uma ampliação do acesso a esses documentos e à informação disponível sobre eles. Nesse sentido, uma das ações prioritárias das bibliotecas, arquivos e centros de documentação consiste no planejamento unificado do desenvolvimento, tratamento e divulgação do acervo bibliográfico e documental, que, num primeiro momento, poderia ser iniciado a partir de planejamentos setoriais. Gradualmente, as diversas categorias de bibliotecas, arquivos e centros de docu-



mentação teriam revisto e racionalizado seu acervo, de modo a proporcionar, no conjunto, uma coleção representativa da produção bibliográfica na área, evitando tanto duplicações quanto lacunas, como hoje existem nas bibliotecas de arte da cidade de São Paulo.

Esse projeto obviamente encontrará barreiras, seja de ordem burocrática, seja política. Trata-se, portanto, de um projeto de médio a longo prazo e que exige um trabalho cuidadoso e competente, pois deve levar em conta não apenas o uso de determinada coleção, mas, sobretudo, sua relevância dentro da área. Deve envolver um grupo de diferentes profissionais de cada instituição e usuários, e ainda, se possível, alguns nomes de intelectuais de projeção, que favoreçam sua implementação.

A racionalização das coleções das bibliotecas, centros de documentação e arquivos de arte de São Paulo exigirá um novo comportamento de seus administradores, que, na sua atividade de seleção de material para o acervo, não levarão em conta apenas a sua instituição isoladamente, mas todos os recursos que a cidade lhes coloca à disposição. A valiosa contrapartida é a responsabilidade que passa a existir em relação às demais instituições e aos demais usuários, já que algumas coleções poderão ser únicas na cidade.

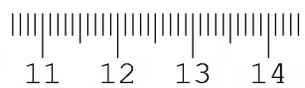
Em relação às monografias - particularmente livros, teses e catálogos de exposições de arte - deve-se procurar garantir a representatividade das coleções. Isso pressupõe a definição das áreas de assuntos a serem cobertos, como já vimos, em coerência, no caso dos museus, com sua coleção de arte e com suas linhas de pesquisa, e, no caso das universidades, guardando pertinência com os cursos ministrados e com as linhas de pesquisa da unidade. Também deve ser definido

o nível de tratamento desejado para esses assuntos, o que determinará o grau de especialização da referida biblioteca. Esse trabalho exigirá a formação de um catálogo coletivo das coleções, que poderá ser desenvolvido por área e que, ao final, permitirá uma visão completa dos acervos. Tal catálogo mostrará claramente os pontos fortes e fracos das coleções e fornecerá subsídios para a definição de políticas de desenvolvimento de acervos bibliográficos inseridas no contexto informacional existente.

Para que essa proposta seja eficaz, faz-se necessária, em primeiro lugar, uma grande mudança no comportamento dos bibliotecários e demais profissionais da informação, que passarão a ter uma visão mais ampla dos recursos informacionais disponíveis. A partir da incorporação da idéia por esses profissionais, há necessidade de conscientizar os responsáveis pelas instituições, bem como seus usuários, em relação às vantagens que essa política pode trazer, levando-se em conta, principalmente, os custos relativos à formação e ao desenvolvimento de coleções, bem como ao tratamento e preservação das mesmas.

#### *4.8 O tratamento da informação: a importância da padronização*

Grande parte das coleções bibliográficas e documentais da cidade de São Paulo não está organizada, o que, na prática, significa que essas coleções não estão disponíveis. O atraso crônico no processamento técnico dos acervos bibliográficos e documentais influencia, naturalmente, o nível de qualidade dos serviços ao usuário e colabora para reforçar a imagem negativa da biblioteca, do arquivo ou dos serviços de documentação - freqüentemente identificados como morosos, ineficientes e improdutivos. A indexação de periódicos brasileiros



é praticamente inexistente: no Brasil, não há serviços comerciais com essa finalidade; por outro lado, os serviços de índices e *abstracts* estrangeiros raramente indexam revistas brasileiras e, para agravar a situação, as bibliotecas não assumem essa atividade de forma sistemática. Como resultado, verifica-se uma enorme perda de informação contemporânea produzida em nosso país.

A questão do tratamento dos acervos bibliográficos e audiovisuais das bibliotecas e centros de documentação pode ser minimizada por um trabalho cooperativo, que, no entanto, só será viável se houver padronização de procedimentos na catalogação de documentos, tanto sob o aspecto de sua representação descritiva, quanto temática.

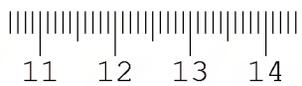
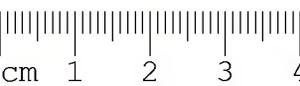
Os problemas relativos à padronização dos formatos e à normalização dos dados são mais acentuados nos museus do que nas bibliotecas onde, pelo menos para as questões da representação descritiva do documento, já se adotam, há anos, padrões internacionais amplamente aceitos. Diferentemente do museu, a biblioteca não trabalha com objetos únicos, o que estimula a catalogação cooperativa, para a qual a padronização é um imperativo.

A falta de padronização no processamento técnico dos acervos, que ainda encontramos em algumas bibliotecas, museus e arquivos de arte em São Paulo, é um sério obstáculo a qualquer trabalho conjunto. Portanto, qualquer iniciativa de trabalho cooperativo deve ser fundamentada em metodologia aceita, por consenso, pelas instituições ou pelas diferentes áreas dentro da mesma instituição. Essa questão, que já é de difícil solução quando se trata de uma base de dados isolada, torna-se ainda mais complexa quando estão em jogo bases compartilhadas ou bases de dados nacionais. No entanto, sua solução é fundamen-

tal, pois todo sistema de informação deve ser concebido com a perspectiva de ser colocado futuramente em rede.

Dentre os instrumentos necessários a um trabalho de qualidade, ressalta-se o vocabulário controlado, cuja função é garantir parâmetros para a escolha dos descritores. O *Vocabulário Controlado de Arte*, mencionado acima, embora seja o único de que se dispõe, hoje, em língua portuguesa, infelizmente, não sofreu nenhuma revisão. Não apenas novos termos devem ser acrescentados e antigos termos revistos, como também o trabalho merece uma revisão completa, estrutural. Essa reestruturação faz-se necessária para dar maior coerência e fundamentação teórica ao trabalho e para adaptá-lo para sua utilização em sistemas informatizados, pois, hoje em dia, praticamente todas as unidades de informação dispõem de um microcomputador. No entanto, a qualidade da representação temática dos documentos não depende apenas de bons instrumentos de trabalho, mas também do preparo do profissional. Se este não souber captar o assunto, ou assuntos, de que trata o documento, obviamente não lhe poderá atribuir nenhum descritor.

Se os sistemas existentes ainda deixam a desejar em relação à qualidade dos registros bibliográficos - tanto em relação à catalogação descritiva, quanto temática - o uso cooperativo desses dados não pode se dar pelo aproveitamento acrítico dos registros disponíveis. As unidades de informação devem-se valer da experiência e dos produtos já colocados à disposição pelas bibliotecas universitárias, particularmente das três universidades paulistas, cujos acervos podem ser acessados em *CD-ROM* ou *online*, mas esse aproveitamento pressupõe avaliação prévia da situação da informação sobre arte nesses sistemas, de forma a não se transplantarem erros e, conseqüentemente, os perpetuarem.



Assim, uma vez definidas as questões relativas à normalização, que são um imperativo tanto do trabalho cooperativo quanto da informatização, finalmente, caberia definir um *modus faciendi* que garantisse o processamento de cada obra apenas uma vez, evitando a duplicação de recursos para os mesmos fins.

## 5 PARÂMETROS PARA UM TRABALHO COOPERATIVO

O desenvolvimento de um trabalho integrado de documentação da arte na cidade, bem como a estruturação de bases de dados que gerem fontes de informação mais dinâmicas na área e garantam sua divulgação e uso pelos mais diversos públicos, são fundamentais para o gradual amadurecimento da pesquisa na área, que, insistentemente, recomeça da estaca zero. O resultado de tais esforços contribuiria para a maior circulação de informação sobre a arte brasileira, tanto em nosso país, como no exterior, facilitando a abertura de espaço para nomes ainda não consagrados, que, muitas vezes, não encontram espaço para mostrarem seu trabalho. Publicam-se livros e catálogos apenas de e sobre os profissionais consagrados, ocorrendo o mesmo com a grande imprensa, e os novos ficam marginalizados, pela ausência de informação sobre eles.

As soluções para a questão da informação na área de arte devem estar voltadas, antes de mais nada, para projetos institucionais que priorizem formas de gerenciamento integrado da informação que, ao mesmo tempo, contemplem as prioridades da instituição e as necessidades da área, no âmbito da cidade, evitando a dispersão de recursos, a fragmentação de acervos e a duplicação de serviços, promovendo, concomitantemente, a circulação e a ampla di-

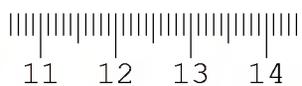
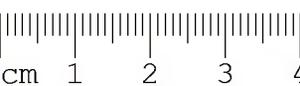
vulgação da informação sobre arte, particularmente sobre arte brasileira.

Para tanto, o primeiro passo seria a formação de um grupo interdisciplinar de profissionais patentemente interessados e que estejam atuando em unidades de informação, escolas e museus de arte e que possam definir uma política de atuação que contemple desde a produção da informação sobre arte até sua circulação e uso, bem como definir prioridades para um programa integrado e elaborar um plano estratégico que oriente a implantação desse programa, que seria algo como uma matriz de projetos. Esse plano estratégico definiria os resultados a serem alcançados, as funções e competências de cada projeto participante, os prazos e os recursos disponíveis e necessários.

O sucesso desse trabalho dependerá da clareza da missão e dos objetivos das instituições participantes, bem como da disposição dos profissionais em desenvolver um trabalho sem restrições pessoais ou corporativas, que representariam uma insuperável barreira num projeto de tal envergadura.

Dentre as atribuições básicas desse grupo, podemos destacar:

- 1 definir políticas para os serviços de informação em arte;
- 2 coordenar políticas de desenvolvimento de coleções, estabelecendo formas de controle dos assuntos não representados e dos super-representados;
- 3 desenvolver cooperação regional entre os serviços de informação em arte de São Paulo e entre estes e as demais instituições na área do país, a partir das seguintes evidências:
  - nenhuma coleção é completa ou auto-suficiente, não podendo, assim, satisfazer a todas as demandas de documentos e informações;



- nenhuma coleção é plenamente explorada;
- 4 facilitar o acesso aos documentos, com políticas de empréstimo e consulta generosas, lembrando que a necessidade de preservação freqüentemente é brandida como razão de ser de políticas restritivas de uso do material;
- 5 garantir o acesso às novas tecnologias por parte do público de todos os serviços de informação;
- 6 desenvolver a capacidade de recuperação, transmissão e disseminação da informação visual;
- 7 incentivar a doação às bibliotecas e arquivos de arte da cidade de bibliotecas e arquivos pessoais e privados;
- 8 desenvolver, em colaboração, a cobertura corrente da literatura sobre arte publicada no Brasil e formar bases de dados que possam ser disseminadas;
- 9 aprimorar o tratamento de catálogos de exposições de arte e procurar cobrir o maior número possível deles por meio de um trabalho cooperativo;
- 10 estabelecer um projeto comum de inventário da produção artística paulistana;
- 11 desenvolver programas de treinamento integrados voltados aos profissionais que atuam em serviços de informação em arte na cidade.
- 12 buscar formas de estreitar relações com os usuários desses serviços;
- 13 desenvolver programas que permitam o uso das fontes de informação por parte dos usuários;
- 14 desenvolver programas de divulgação mais agressivos que tornem visíveis os produtos e serviços de informação da cidade.

A reestruturação das unidades de informação, de forma que elas possam funcionar como um sistema, ainda que composto de

unidades administrativamente independentes, traria como conseqüência a organização da informação na área e sua maior acessibilidade, favorecendo o atendimento a uma demanda que também será ampliada em função da disponibilidade da informação organizada e de sua maior divulgação e circulação.

A subutilização encontrada em todos os tipos de unidades de informação estudados reforça o descaso das autoridades e contribui para a inércia geral. Se não houver interação e projetos cooperativos que acrescentem à informação oferecida por esses serviços especializados um componente diferencial, esses serviços serão condenados ao esquecimento.

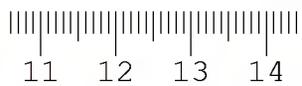
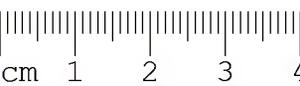
**Abstract:** *Evaluates art information services in the city of São Paulo, Brazil, including libraries, archives, museums and cultural centres. Discusses theoretical, technical and organisational aspects relevant to those who work with art information systems in Brazil. Proposes a 're-architecture' of the existing services in a collaborative way in order to avoid information dispersion, providing a better use of the available resources; quality and better services.*

**Key-words:** *Art Information Services, São Paulo, Brazil. Libraries. Archives. Museums. Cultural Centers. Cooperation.*

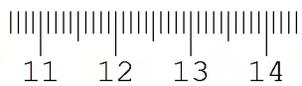
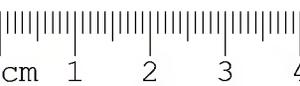
## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de, 1998, **Por uma rearquitetura dos serviços de informação em arte na cidade de São Paulo**. São Paulo, 1998. Tese (dout.) – Escola de Comunicações e Artes, USP.

ARENDDT, Hannah, 1979, *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva. A crise da cultura p.117-19.



- COELHO NETTO, José Teixeira, 1997, **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras.
- \_\_\_\_\_. 1986. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ELGAARD, Berit, 1993, Museum librarian: everyone's partner. **Museum International**, v.45, n.4, p.48-51..
- FORD, Simon, 1993. The disorder of things: the post-modern art library. **Art Libraries Journal**, v.18, n.3, p.10-23.
- MILANESI, Luís, 1986, **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo: Brasiliense.
- VAN DER WATEREN, Jan Floris, 1988, Achieving the link between art object and documentation: experiences in the British Architectural Library. **Library Trends**, v.7, n.2, p.243-51, Fall.
- VIAUX, Jacqueline, 1993,. Le métier de bibliothécaire dans une bibliothèque d'art. **Art Library Journal**, v.18, n.3, p.4-9.



# BIBLIOTECA INTERATIVA: CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES ENTRE BIBLIOTECA E EDUCAÇÃO\*

Regina Keiko Obata\*\*

**Resumo:** *Biblioteca Interativa como nova concepção de serviço de informação em ambiente educativo. Noções de conservação e difusão são apresentadas como paradigmas das concepções tradicionais da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Discute a relação biblioteca e escola. Alia-se ao processo de concepção, formas de laboratório para chegar-se à construção de uma pioneira Biblioteca Escolar Interativa na EMEF "Prof. Roberto Mange" na periferia de São Paulo.*

**Palavras-Chave:** *Serviços de Informação Educativos. Biblioteca Interativa. Bibliotecas Escolares São Paulo, Brasil.*

há bibliotecas nas escolas. Quando elas existem, funcionam precariamente. Com isso, crianças e jovens, alunos do ensino fundamental e médio, acorrem às bibliotecas públicas que oferecem produtos e serviços informacionais nem sempre adequados às suas necessidades particulares.

Para reverter essa situação, é necessário buscar novas concepções que ultrapassem os paradigmas tradicionais de *conservação* e *difusão*, e que sejam norteadores das teorias e das práticas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, visando a construção de referências para os serviços de informação, agora com função educativa.

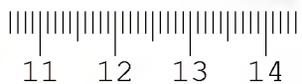
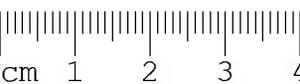
## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, é lento o desenvolvimento de bibliotecas ou serviços de informação em ambientes educativos. Salvo raras exceções, não

O presente trabalho introduz o conceito de *Biblioteca Interativa*, enquanto um novo serviço de informação em ambientes educativos e que vem sendo construído a partir das pesquisas desenvolvidas no PROESI/CBD/ECA/USP, desde 1993.

\* Artigo baseado na tese de doutoramento intitulada *Biblioteca Interativa: concepção e construção de um serviço de informação em ambiente escolar*, defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Neusa Dias de Macedo, em 3/11/98. Pesquisa desenvolvida no PROESI – Programa Serviços de Informação em Educação, do Depto. de Biblioteconomia e Documentação, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti, e financiada pelo programa "Melhoria do Ensino" da FAPESP. Com a colaboração da FAU/USP.

\*\* Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. Coordenadora do Laboratório Biblioteca Escolar Interativa da EMEF "Prof. Roberto Mange", do PROESI/CBD/ECA/USP.



## 2 BIBLIOTECA DE CONSERVAÇÃO, BIBLIOTECA DE DIFUSÃO

Os paradigmas da *conservação* e da *difusão* têm orientado as concepções de biblioteca, mareadas por uma logicidade própria de cada tempo e espaço. Um retrospecto é necessário neste particular.

Há concepções baseadas na idéia de que o domínio da leitura e da escrita e ainda o acesso à biblioteca são restritos a determinados segmentos da sociedade que detêm o poder político, religioso ou técnico-acadêmico. A descrição de Umberto Eco ilustra bem essa concepção (Eco, 1983:53-4): a biblioteca do mosteiro apresenta-se como um complexo sistema de organização e classificação dos livros que se confunde com a sua própria estrutura arquitetônica. As linguagens constroem representações concretas e simbólicas do silêncio e da escuridão, da reserva do saber que deve se manter intacto, a salvo de todos; de um lugar onde se depositam livros para não se ler e para se preservar. Esse é um retrato da concepção de biblioteca sob o paradigma da *conservação*.

Já as bibliotecas constituídas a partir do paradigma da *difusão*, apresentam três condições que inexistiam no paradigma da conservação:

- a) reprodutibilidade em grande escala dos materiais impressos, a partir da invenção da imprensa;
- b) inclusão da leitura e da escrita e também da biblioteca nas políticas públicas;
- c) ampliação do domínio da competência técnica para as atividades da biblioteca,

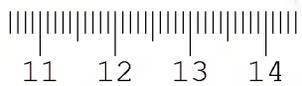
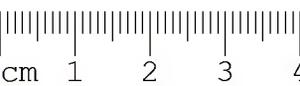
além do desenvolvimento de estudos e práticas biblioteconômicos.

Após a invenção da imprensa por Gutenberg, em 1450, dá-se início à mudança paulatina da biblioteca enquanto espaço de *conservação* para a biblioteca de *difusão* da informação e cultura. Têm origem na Revolução Francesa e na Revolução Industrial, fatos que determinam grandes transformações nos finais do século XVIII. O desenvolvimento da tecnologia e de equipamentos voltados para a produção industrial resulta no surgimento da classe média e da classe operária numa sociedade liberal. Esse segmento social em rápida ascensão precisa de capacitação técnica para as novas funções do mercado de trabalho e exige acesso à educação. Para responder a essas exigências, impõe-se a necessidade de se estabelecer políticas públicas para a educação e para a leitura, bem como para a própria biblioteca pública (Chartier, Hebrard, 1995:120-21). Esse movimento ocorre praticamente em todas as regiões do mundo.

Passa a vigorar a idéia de que as bibliotecas existem para o público e a conservação só faz sentido em função da preservação para o uso. O bibliotecário não pode mais ser aquele erudito guardião das bibliotecas medievais; deve colocar o conhecimento à disposição do leitor de forma eficaz e no menor tempo possível. A leitura pública<sup>1</sup> da sociedade liberal dos finais do século XVIII associa a biblioteca à democracia (Chartier, Hebrard, 1995:150-52).

Novas diretrizes foram estabelecidas na Europa, em 1890, por Paul Otlet e Henri La

<sup>1</sup> Para Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard, leitura pública refere-se não só à intervenção do Estado para prover o acesso da população à leitura, mas também à gestão dos acervos de livros e documentos, ou seja, a constituição de bibliotecas públicas; designa também determinada prática de leitura que pressupõe mecanismos como o livre acesso às estantes das bibliotecas, acervos amplos, variedade de meios e atualização rápida do acervo (Chartier, Hébrard, 1995, p. 116).



Fontaine, com o objetivo de buscar mecanismos para capturar, registrar e difundir as informações científicas. A partir de 1950, a noção de *difusão* passa a ser incorporada à de *disseminação*. Esta noção fundamenta as novas concepções que introduzem o conceito *Sistema de Recuperação da Informação (SRI)*, no qual a *recuperação* tem como finalidade, a *disseminação da informação* (Lancaster, 1979, 1993; Lancaster, Fayen, 1973; Vickery, 1965, 1970).

Cabe salientar que parte das bibliotecas atuais guardam um resquício daquele labirinto descrito por Eco. Estudos e práticas da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação ora consideram essa questão superada, ora referem-se a ela de forma superficial, em lamentações acerca do mau funcionamento das bibliotecas em determinados setores.

### 3 RELAÇÃO BIBLIOTECA/ESCOLA

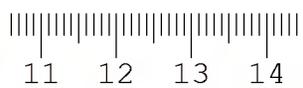
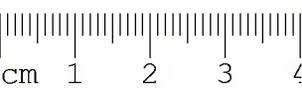
Se existe uma inadequação dos serviços de informação em determinados setores da sociedade, no setor da educação isso fica mais evidente. Os estudos, relatos e avaliação de práticas realizadas em instituições como bibliotecas públicas infanto-juvenis e bibliotecas escolares mostram a preocupação com a questão (Abdel-Motey, 1990; Cohn, Olsson, 1968; Cunha, 1981; Fasick, 1978; Fitzgibbons, 1983; Herring, 1994; Library Association, 1991; Macedo, Siqueira, 1987; Robine, 1991; Rovenger, 1987). Assim como ocorre na prática, a maioria desses trabalhos considera a biblioteca como um instrumento de apoio didático ou de promoção de leitura e entretenimento. Observa-se que a criança e o jovem — público-alvo das bibliotecas assinaladas — têm sido vistos como “usuários” de estoques de conhecimento, geralmente do conhecimen-

to consolidado, registrado em suportes tradicionais como os livros. A sua própria história e a sua experiência não são reconhecidas, assim como não se considera que sejam indivíduos capazes de construir sua própria expressão.

Deve-se ainda levar em conta que as sociedades contemporâneas estão marcadas pela diversidade cultural cada vez mais presente e, muitas vezes, de forma perturbadora. Essa característica interfere nas instituições de informação e tem sido objeto de estudos na área (Champion, 1993; Day, Dosa, Jorgensen, 1995; Milward, 1994; Roehman, 1993; Smit, 1993). No entanto, esses estudos têm sido desenvolvidos em sociedades multiculturais que se caracterizam pela justaposição de diferentes culturas. Já no Brasil, a diversidade cultural faz parte da própria constituição da sociedade brasileira. Somos uma sociedade mista, na qual culturas distintas não se justapõem, mas interagem, criando uma nova cultura, uma cultura mestiça (Ribeiro, 1995:130, 242-43).

Mesmo que, em alguns casos, essas questões sejam consideradas em algumas pesquisas, ou em determinados segmentos responsáveis pelas políticas ou pelas práticas de serviços de informação, quase sempre, as ações não ultrapassam o patamar do discurso. Além disso, dificuldades de ordem técnica ou administrativo-burocrática impedem o desenvolvimento de sistemas de informação adequados para crianças e jovens, numa sociedade contemporânea, como a brasileira. O que se verifica é uma incompatibilidade entre os serviços de informação e a natureza educativa da relação da criança com a informação e cultura.

Admitimos que ambientes de informação com caráter educativo, nessa sociedade globalizante em que o conhecimento é multidimensional, exige a busca de concep-



ções inovadoras de serviços de informação que permita o estabelecimento de relações de interação do sujeito com o universo cultural e informacional da comunidade/sociedade à qual ele pertence. Acreditamos ainda que esse sujeito deve ser não somente um receptor de cultura e informação, mas que seja capaz de produzir e exercer a sua própria expressão baseado na harmonização entre a identidade individual e a diversidade cultural das sociedades contemporâneas.

Para nós, a noção de uso da informação tem caráter educativo vinculado à construção de mecanismos de sociabilidade do indivíduo submetido a um processo de privatização das relações sociais do mundo moderno que se caracteriza como um processo de *confinamento cultural* conforme proposto por Perrotti (Perrotti, 1990). A biblioteca e a escola são instituições participantes desse processo, mas o trânsito entre elas é praticamente inexistente.

Constata-se que as bibliotecas não oferecem serviços de informação que sejam capazes de transformá-las em instrumentos indissociáveis do processo educacional. A escola, por sua vez, tem ignorado a biblioteca no seu projeto pedagógico e educativo, não considerando que a biblioteca tenha uma natureza educativa. Este estranhamento entre as duas instituições é reflexo de uma situação mais global: a própria dissociação entre biblioteca e sociedade.

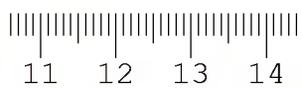
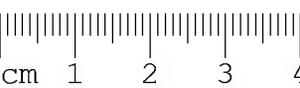
Entretanto, nos estudos, existe concordância sobre o papel educativo da biblioteca. Para alguns autores, os vínculos entre estas duas instituições são tão profundos a ponto de as ações bibliotecárias serem condicionadas pelas possibilidades e limites do próprio sistema educacional, em particular, e do sistema econômico e político, em geral (Mueller, 1982). De fato, no Brasil, a situação da biblioteca é tão precária quanto da escola. Nesse

contexto, as bibliotecas públicas têm sofrido um processo interminável de “escolarização”.

A competência da biblioteca pública para o atendimento do estudante, como apoio didático, é assunto polêmico e tem provocado opiniões, tanto favoráveis quanto contrárias à disfunção que o processo de escolarização provoca (Carvalho, 1972; Flusser, 1980; Mueller, 1982; Negrão, Charatz, 1978; Wada, 1985). Existem, também, algumas propostas que apontam para a possibilidade de um trabalho cooperativo entre esse tipo de biblioteca e a escola (Dumont, 1984; Pimentel, 1982; Privat, 1994; Romanelli, 1982; Sones, 1981; Tameen, 1988).

Apesar do reconhecimento da importância das bibliotecas públicas e escolares por todas as instâncias envolvidas com as questões da educação e cultura, tanto dos setores responsáveis pelas políticas públicas quanto dos setores técnico-administrativos, verificamos que o processo de escolarização da biblioteca pública evidencia algumas situações desfavoráveis:

- a) o grande número de estudantes que se dirige para a biblioteca pública — devido a ausência de serviços de informação na escola — fornecem dados distorcidos sobre o uso desse equipamento público, deslocado de sua verdadeira função;
- b) a idéia equivocada de que as bibliotecas públicas devem, obrigatoriamente, atender às demandas didático-pedagógicas dos estudantes — mesmo sem a competência necessária para tal —, contribui para a lentidão na implementação de políticas públicas consistentes e também para a ineficácia das ações, visando ao desenvolvimento das bibliotecas escolares;
- c) a concepção equivocada de que a questão da leitura e da biblioteca escolar é resolvida com alguns recursos materiais, noção esta evidenciada pelas políticas públicas



que resultam fundamentalmente na distribuição periódica de livros para as escolas.

### 3.1 Apropriação x Promoção

As políticas referidas têm como objetivo a *promoção* da leitura. Acreditamos, no entanto, que as políticas públicas e as práticas do setor deveriam basear-se na noção de *apropriação* da leitura e da escrita, assim como da própria biblioteca.

A distinção imediata que se identifica nas duas noções reside no papel do sujeito objeto da ação: na *promoção* da leitura, o sujeito é o receptor da ação; na *apropriação*, ao contrário, o sujeito é o produtor da ação. Deve-se ter claro que a *apropriação* não é algo que ocorra naturalmente, mas é uma construção cotidiana.

A promoção da leitura faz parte de um discurso oficial existente nos textos e nas práticas escolares, que exprime propostas ideais na busca de soluções para as situações adversas. No entanto, o “estilo intencionalmente acrônico dos discursos oficiais torna difícil imaginar seus verdadeiros horizontes conjunturais: seus objetivos, sempre muito gerais, nada nos dizem com clareza, a não ser sobre seu horizonte consensual de referência. Considerando-se que tais discursos sempre têm também uma função política a curto prazo, e por não conhecermos a conjuntura de sua recepção, temos dificuldade de apreender o que consistiu sua eficácia, bem como os motivos por que puderam ser recebidos com a desaprovação de uns ou com o encorajamento de outros” (Chartier, Hébrard, 1995:454).

Todavia, a situação se mantém devido à ausência de formulações teóricas capazes de orientar a ação de setores especialmente interessados no desenvolvimento das relações entre informação e educação, quer seja no âmbito da concepção e operacionalização das práticas nas instituições de informação e cultura, quer seja no âmbito da definição das políticas e diretrizes nacionais adequadas para o país.

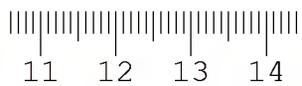
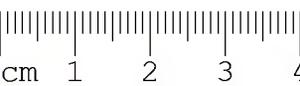
Pretendemos, dessa forma, discutir novos paradigmas que possibilitem o desconfinamento cultural da infância, a partir de novas concepções de serviços de informação educativos. Fundamentam-se, as mesmas, principalmente na interação do sujeito com a informação e a cultura, fator determinante para a concepção dos processos e produtos documentários compatíveis com a linguagem e com o universo cultural da criança e do jovem.

## 4 BIBLIOTECA INTERATIVA: ESPAÇO DE EXPRESSÃO

A aproximação da biblioteca e escola deve buscar caminhos na direção da “*desescolarização*” da leitura e da biblioteca e de orientações adequadas para as políticas globais e as práticas que ultrapassem o patamar da *promoção* e caminhem na direção da *apropriação* da leitura e da escrita, da informação e da cultura.

A noção de *autonomia* é fundamental na busca de concepções de serviços de informação educativos visando o *desconfinamento cultural*<sup>2</sup> da criança e do jovem. A

<sup>2</sup> Noção proposta por Perrotti a partir de confinamento cultural; introduz, ao mesmo tempo, a noção de autonomia na discussão do avanço da urbanização e da vida burguesa na sociedade moderna na qual “a cultura produzida pela infância livremente nos espaços públicos foi progressivamente sendo assimilada pelos espaços privados (...). Em decorrência disso, alteram-se para crianças e jovens as relações que mantinham com categorias sócio-culturais como diversidade/uniformidade, e categorias políticas como autonomia/controlê.” (Perrotti. 1990:92).



autonomia é uma conquista e uma construção do indivíduo e da sua identidade. Por isso, acreditamos que, numa sociedade em que parcela significativa da população é excluída da vida política, social, econômica ou cultural do país, uma nova concepção de biblioteca tem um papel importante a cumprir.

É nesse contexto que a *Biblioteca Interativa* deve ser inserida enquanto um serviço de informação que busca estabelecer relações de interação entre o sujeito e a informação e cultura.

Identificou-se *interação* como a noção definidora da nova concepção de biblioteca porque ela apresenta referências como:

- a) o ator do processo é tanto um agente de atuação quanto um objeto de orientação para si mesmo e para os demais;
- b) como agente atuante, orienta-se para si mesmo e para os outros, em todos os aspectos ou modalidades de ação (Parsons, 1974:172).

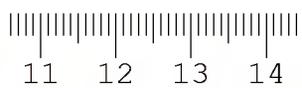
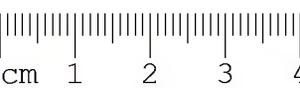
Por conseguinte, o ator do processo é, ao mesmo tempo conhecedor e objeto de conhecimento, um utilizador de meios instrumentais e um meio ele próprio, vinculado emocionalmente aos demais; e, ainda, objeto de vinculação, avaliador e objeto de avaliação; um intérprete de símbolos e ele mesmo um símbolo.

Essa noção fundamenta a nossa idéia de que, na *Biblioteca Interativa*, o sujeito não seja somente um receptor, mas também um produtor. A biblioteca deixa de ser apenas um espaço de difusão, promoção ou disseminação da informação e da cultura; deve ser também um espaço de expressão.

Assim, a linguagem constitui-se no elemento fundamental da tríade do serviço de informação, qual seja: o sistema de informação (a linguagem do espaço e dos instrumentos documentários); o documento (a linguagem do produtor da informação e cultura); os agentes (a linguagem da comunidade). As referências de *Biblioteca Interativa* consideram a necessidade de uma relação autônoma do sujeito com essas linguagens, para que ele possa apropriar-se da biblioteca e esta, ao mesmo tempo, incorpore a sua expressão, num processo contínuo de construção. A *Biblioteca Interativa* deve constituir-se, pois, em um espaço onde o sujeito, de mero espectador, transforme-se em protagonista da relação com a informação e cultura. Quatro categorias conceituais e operacionais são consideradas nesse processo de construção cotidiana: a diversidade cultural (geográfica, sócio-econômico-cultural, cronológica, de faixa etária, de linguagem), a afetividade, a autonomia, a ludicidade e a sociabilidade.

Essas bases conceituais e operacionais fundamentaram a construção de um serviço de informação educativo, a *Biblioteca Escolar Interativa* na Escola Municipal de Ensino Fundamental "Prof. Roberto Mange"<sup>3</sup>. Localizada em uma região periférica da cidade de São Paulo (SP), apresenta as características da maioria dos bairros da periferia dos centros urbanos brasileiros: situação precária de habitação, de saneamento básico, de saúde pública e de outras condições sócio-econômico-culturais. Em 1999, com quase 30 anos de atividade, possui quase 2.000 alunos matriculados, distribuídos em três turnos; no noturno, oferece também o ensino supletivo. Atende, portanto, além de crianças e jovens, adultos.

<sup>3</sup> O projeto teve início em meados de 1996. A Biblioteca Escolar Interativa foi inaugurada em 13/5/98.



#### 4.1 Da periferia para o centro: a localização da biblioteca

Um dos indicadores da participação da biblioteca como elemento constitutivo do processo educativo e da relação biblioteca-escola é o lugar que ela ocupa na distribuição e organização espacial da escola. No caso da EMEF “Prof. Roberto Mange”, a escolha do local da biblioteca teve início com a reflexão sobre a experiência da escola com a sala de leitura<sup>4</sup>, a partir do confronto das informações obtidas através do diagnóstico da escola e das observações realizadas pelos pesquisadores.

A sala de leitura ficava no subsolo do edifício, local mais isolado e inóspito da escola que resultava, no mínimo, em dificuldades de acesso e perda de livros por ocasião das inundações provocadas pelas chuvas. Da conscientização dessas condições, constata-se a necessidade de um local mais adequado para a biblioteca. Essa definição, no entanto, foi um processo longo e complexo, já que a localização ideal da biblioteca era a sala dos professores, no pavimento superior do prédio. A construção da nova biblioteca não poderia ignorar a história construída e as conquistas já alcançadas e deveria ser resultado de um desejo da comunidade escolar. O espaço assim conquistado ofereceu à biblioteca muito mais que visibilidade, acesso fácil e acolhimento para toda a comunidade escolar. Ele criou um sistema de significações, no qual a biblioteca deixa os porões e a periferia da escola e conquista o seu centro.

É, sobretudo, a representação simbólica da inclusão.

#### 4.2 Construção da linguagem espacial e do mobiliário

O espaço físico é também um sistema de significação das relações que a biblioteca estabelece. Nessa medida, para nós, constitui-se numa linguagem. Deve acolher o sujeito sem provocar o seu isolamento da realidade existente fora da biblioteca, permitindo um diálogo entre a biblioteca e a escola. Além disso, deve possibilitar a construção de relações interativas entre os sujeitos e a informação e o conhecimento.

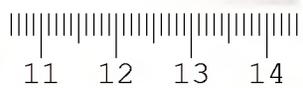
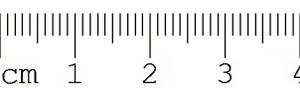
Para tanto, foram utilizadas categorias operacionais como diversidade cultural (linguagem arquitetônica e espacial da biblioteca e da escola); multiplicidade de uso (possibilitar ações e relações variadas, simultaneamente); mobilidade (possibilitar transformações em função das ações dos sujeitos); padrão estético e de organização espacial adequados. Isso exigiu que a definição da organização espacial em função dos diferentes usos da biblioteca (área de pesquisa, de leitura, de expressão oral e gestual, de atendimento e gerenciamento), o mobiliário, os materiais e cores utilizadas fossem também concebidos e implementados.

#### 4.3 Acervo: diálogo com a diversidade cultural

O acervo – o documento ou os recursos informativos — é um dos elementos da tríade do sistema de informação<sup>5</sup>. O acervo já existente na escola foi complementado com materiais que pudessem contemplar as noções de diversidade cultural, de linguagens e de conteúdos, e multiplicidade de usos. Essa orientação resultou em um con-

<sup>4</sup> A escola faz parte do Programa de Sala de Leitura da Secretaria de Educação da Prefeitura do Município de São Paulo, implantado na escola desde 1981.

<sup>5</sup> O acervo é formado basicamente de livros enviados pelo programa de Sala de Leitura da Secretaria de Educação do Município de São Paulo. A escola também recebe livros através do programa de Biblioteca Escolar, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, do Ministério da Educação (MEC/FNDE).



junto de recursos informacionais que dialogam entre si: o livro de imagens para crianças e o compêndio de história da música ocidental. O Sítio do Pica-pau Amarelo, proporciona um diálogo intertextual com os livros das décadas de 50 e 90, com a versão multimídia em CD-ROM, com o documentário sobre Monteiro Lobato em vídeo, com um número especial da revista *Veja* São Paulo e com o CD do Gilberto Gil com música da trilha sonora do seriado. Essas obras convivem com os heróis gauleses da história em quadrinhos francesa Asterix.

A *Biblioteca Interativa* deve dialogar também com a própria cultura da comunidade escolar e constituir-se, ao mesmo tempo em seu instrumento e espaço de expressão. Propõe-se, portanto, a permanência dessa expressão, reconhecendo-a enquanto produção de informação e cultura. Assim, livros, textos, quadros, painéis, fotos, produções das mais variadas ordens, tanto de alunos quanto de professores são publicados ou exibidos pela biblioteca e também podem fazer parte do seu acervo.

#### 4.4 Linguagem formal de representação e organização

Três condições básicas determinaram a escolha da linguagem de representação e organização dos recursos informacionais:

- a) a linguagem deveria ser de fácil assimilação, para não se constituir em um obstáculo no processo de comunicação do sujeito com a biblioteca;
- b) deveria possibilitar o atendimento da concepção de *Biblioteca Interativa* no que se refere à multiplicidade de ações e relações e mobilidade para transformações;
- c) a linguagem deveria permitir o reconhecimento das linguagens utilizadas em outras instituições de informação e cultura do país e de outras partes do mundo.

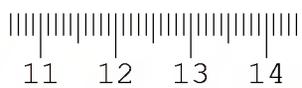
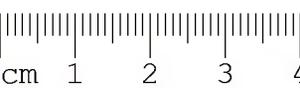
Assim, para a organização do acervo, a linguagem de representação utilizada foi resultado de uma adaptação das 1000 seções da 20ª ed. da CDD (Classificação Decimal de Dewey). As dez classes (Generalidades, Filosofia, Religião, Ciências Sociais, Língua, Ciências Naturais e Matemática, Ciências Aplicadas e Tecnologia, Artes, Literatura, Geografia e História) foram rearranjadas em 6 classes, codificadas por cor. A classe das Generalidades fica reservada para as Obras de Referência, codificadas por um sinal de interrogação (?).

A cor — primeiro nível de leitura do código de representação  $\frac{3}{4}$  torna o sistema altamente flexível, já que não impõe uma ordem fixa, permitindo a mobilidade necessária do acervo, que se completa com a concepção do mobiliário.

Um sistema de sinalização explícita a linguagem de organização da biblioteca: contém os códigos de organização do acervo e as marcas de identificação. A comunidade escolar participou da construção do logotipo e dos ícones da tipologia dos recursos informacionais da Biblioteca Escolar Interativa.

#### 4.5 Gestão do sistema de informação: automação dos serviços

A organização e o gerenciamento de um serviço de informação em um ambiente educativo da magnitude da unidade escolar em que o laboratório Biblioteca Escolar Interativa foi construído, não é tarefa simples. No entanto, isso não pode justificar a razão para não se enfrentar o problema. Para uma biblioteca oferecer serviços de informação adequados, é incontestável a existência de um sistema de organização e gerenciamento dos serviços a fim de possibilitar maior autonomia na administração



e tratamento do acervo, na recuperação de informações, na geração de produtos documentários (levantamento bibliográficos, bibliografias específicas, relatórios) e nos serviços de empréstimo.

É fundamental, no entanto, que sejam criados mecanismos para que as unidades escolares sejam usuárias desse sistema e não necessariamente a produtora.

## 5 RESULTADOS E CONCLUSÕES

**“A nossa biblioteca é bonita, moderna e aqui a gente tem liberdade!”<sup>6</sup>**

A Biblioteca Escolar Interativa é um espaço de construção de relações entre os atores que participam desse processo; portanto, ela vai além do espaço e dos recursos materiais que a compõe. A construção e o funcionamento da Biblioteca Escolar Interativa da EMEF “Prof. Roberto Mange” mostraram que as estratégias da pesquisa cooperativa foram capazes de fornecer dados sobre as razões político-administrativo-burocráticas e técnicas da unidade escolar, além de prover um ambiente propício para se relacionar com as ações desenvolvidas; possibilitaram, também, o envolvimento e a formação da comunidade escolar para as questões relacionadas com a biblioteca.

O reconhecimento e a incorporação da memória dos membros da comunidade escolar como um todo, além da comunidade do entorno, mostrou ser indispensável para o desenvolvimento das ações: valoriza-se, com isso, a experiência dos sujeitos para trans-

formá-los de espectadores em verdadeiros atores e protagonistas dos processos de transformação na escola e no ensino como um todo.

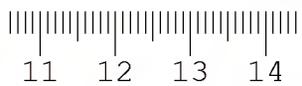
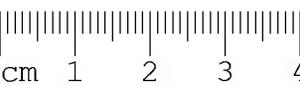
As barreiras que distanciam a biblioteca da escola são derrubadas paulatinamente durante o processo de apropriação da biblioteca pela comunidade escolar. A apropriação não é um processo de ocorrência natural, espontâneo. Ela deve ser construída pelos próprios atores do processo.

Constatou-se ainda que a construção teórica e prática da *Biblioteca Escolar Interativa* introduz nova ordem no fluxo do sistema de informação<sup>7</sup>. Há uma interpenetração entre os elementos da tríade do sistema de informação (a linguagem do espaço e dos instrumentos documentários); documento (a linguagem do produtor da informação e cultura; acervo); agentes (a linguagem da comunidade escolar) que transforma o “usuário” em elemento constitutivo do processo como um todo. Ele faz parte da linguagem do documento/acervo, ele está presente na linguagem de representação, ele está presente, enfim, na construção cotidiana da *Biblioteca Interativa*, como protagonista de ações e interações.

A questão dos mediadores é sem dúvida importante na Biblioteca Escolar Interativa. Mesmo considerando equipes extremamente motivadas, estáveis, comprometidas com a qualidade do ensino – condição poucas vezes encontradas na área – é difícil imaginar que só o pessoal da área de ensino dará conta do espaço da biblioteca. Deve haver uma relação de cooperação entre os dois segmentos.

<sup>6</sup> Manifestação de um aluno da 5ª série da EMEF “Prof. Roberto Mange”, no segundo semestre de 1998.

<sup>7</sup> Tradicionalmente, nesse fluxo, o usuário encontra-se na saída do sistema de informação, como um receptor do processo de comunicação.



A disponibilidade efetiva de educadores-profissionais da informação na gestão da biblioteca e a sua formação devem ser consideradas seriamente.

A continuidade, a permanência e a multiplicação das propostas apresentadas exigem que as seguintes questões sejam efetivadas:

- a) Formação dos mediadores para as ações de uso dos recursos instrumentais e informacionais da Biblioteca Escolar Interativa e para as práticas a serem desenvolvidas.
- b) Construção de processos e instrumentos operacionais para avaliação e reconstrução cotidiana da Biblioteca Escolar Interativa.
- c) Incorporação dessas novas relações entre a biblioteca e escola não só no projeto didático-pedagógico da unidade escolar, mas, principalmente nas políticas públicas de educação e informação do país.

A pesquisa mostrou que a criação de referências para a construção da Biblioteca Escolar Interativa vai além da proposta de um 'novo modelo' de biblioteca escolar. Pode constituir-se na própria concepção de biblioteca escolar para o país, que seja capaz de incluir no circuito da informação, cultura e conhecimento, setores da sociedade brasileira dela excluídos.

### Agradecimentos

Não podemos deixar de nomear e agradecer ao Prof. Dr. Edmir Perrotti, coordenador do PROESI/CBD/ECA/USP e idealizador das bases dessa pesquisa. Agradecemos a todos integrantes do PROESI, à Profa. Dra. Cibele Haddad Taralli, da FAU/USP, à equipe de professoras coordenadoras do projeto na EMEF "Prof. Roberto Mange" e comunidade escolar, aos alunos do 3º semestre de 1998 do CBD/ECA/USP. Projeto financiado pela

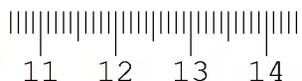
FAPESP, com apoio do CNPq e CCInt/USP.

**Abstract:** *Interactive Library as a new conception of educational information services. Conservation and diffusion are presented as traditional principles of Library and Information Science. Discusses the library / school relationship. The concept of interactivity is improved by the construction of a laboratory, a pioneer interactive library located at a public school in São Paulo, SP - Brazil.*

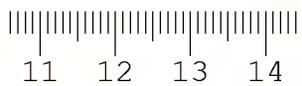
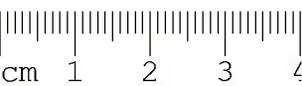
**Key-words:** *Educational Information Services. Interactive Library, São Paulo, Brazil. School Libraries.*

### BIBLIOGRAFIA

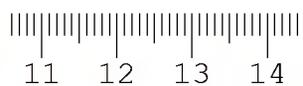
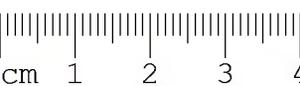
- ABDEL-MOTEY, Yaser, 1990, Education for school librarianship: the core and competency-based education. **International Review of Children's Literature and Librarianship**, v.5, n. 1, p.1-11.
- AMATO, Mirian, GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues, 1989, A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (org.) **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 10-23.
- CARVALHO, Carmen P. de, 1972, A biblioteca e os estudantes. **Revista da Escola Biblioteconomia da UFMG**, v.1, n.2, p. 196-211, set.
- CECCON, Claudius, OLIVEIRA, Miguel Darcy de, OLIVEIRA, Rosiska Darcy de, 1996, **A vida na escola e a escola da vida**. 31. ed. Petrópolis : Vozes. 95 p.
- CHAMPION, S. 1993, The adolescent quest for meaning through multicultural readings: case study. **Library Trends**, v. 41, n. 3, p. 462-92.



- CHARTIER, Anne-Marie, HÉBRARD, Jean, 1995, **Discursos sobre a leitura - 1880-1980**. São Paulo : Ática. 590 p.
- COHN, E., OLSSON, B. 1968, **Library service to young adults**. Copnhagem: Public Libraries Section of IFLA.
- CUNHA, Maria Antonieta A. 1981, Biblioteca infantil. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 10, n. 1, p. 27-36, mar.
- DAY, Donald, DOSA, Marta, JORGENSEN, Corinne, 1995, The transfer of research information within and by multicultural teams. **Information Processing & Management**, v. 31, n.1, p. 89-100.
- DUMONT, Márcia M. V. 1984, Bibliotecas escolares comunitárias: uma revisão bibliográfica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 2, p. 147-78, set.
- ECO, Umberto, 1983, **O nome da rosa**. São Paulo: Nova Fronteira. 562 p.
- FASICK, A. M. 1978, Research and measurement in library service to children. **Canadian Library Journal**, v. 35, n. 5, p. 341-46.
- FITZGIBBONS, S. A. 1983, Reference and information services for children and young adults. **Reference Librarian**, n. 7, p. 1-30.
- FLUSSER, Victor, 1980, Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, p. 131-38, set.
- HERRING, James E. (ed.) 1994, **Information technology in schools: the role of the school librarian and the teacher**. Londres: Library Association Publishing.
- LANCASTER, F. W. 1979, **Information retrieval systems; characteristics, testing and evaluation**. 2.ed. New York : J. Wiley. 381 p.
- LANCASTER, F. W. 1993, **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros. 347 p.
- LANCASTER, F. W., FAYEN, E. G. 1973, **Information retrieval online**. Los Angeles: Melville. 597 p.
- LIBRARY ASSOCIATION, 1991, **Children and young people: Library Association guidelines for public library services**.Londres: Library Association Publishing.
- MACEDO, Neusa Dias de, 1992, Diretrizes para bibliotecas; a declaração de princípios da biblioteca pública brasileira: comunicação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 25, n. 2/3, p. 69-78.
- MACEDO, Neusa Dias de, GEBARA, L. S. 1987, Subsídios para caracterização da biblioteca pública. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 20, n. 1/4, p. 71-7, jan./dez.
- MACEDO, Neusa Dias de, SIQUEIRA, Idméa S. P. 1987, Subsídios para a caracterização da biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 20, n. 1/4, p. 67-9, jan./dez.
- MARINET, Anne, 1993, Les bibliothèques pour enfants aujourd'hui. In: PARMEGIANI, Claude-Anne (dir.)



- (1993). **Lectures, livres et bibliothèques pour enfants**. Paris : Éditions du Cercle de la Librairie, 1993. p. 107-18.
- MAYRINK, Paulo Tarcísio, 1991, **A biblioteca escolar brasileira: da caracterização teórico-administrativa ao estabelecimento de diretrizes e padrões para sua organização e planejamento**. São Paulo. Tese (dout.) Faculdade de Educação, USP.
- MILWARD, Jenni E. 1994, Young adult library services in Johannesburg: addressing the needs of teenagers in a multi-cultural society in transition. **International Review of Children's Literature and Librarianship**, v. 9, n. 2, p. 57-72.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado, 1982, Bases para uma política educacional para as bibliotecas. *In*: CONGRESSO Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 11, 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa : Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, v. 1, p. 116-28.
- NEGRÃO, May B., CHARATZ, Janeta Z. 1978, A função didática da biblioteca pública. *In*: Assembléia das Comissões Permanentes da FEBAB, 4, 1978, São Paulo. **Anais...** São Paulo : FEBAB, v. 2, p. 380-95.
- OEA. 1985, **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares**. Trad. Walda de Andrade Antunes. Brasília: Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares, FEBAB. 283 p.
- OLIVEIRA, Tereza dal Silva Freitas, 1979, A biblioteca escolar no regimento comum das escolas de 1o. e 2o. graus do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 12, n. 3/4, p. 231-38, jul./dez.
- PARMEGIANI, Claude-Anne (dir.) 1993, **Lectures, livres et bibliothèques pour enfants**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie. 207 p.
- PARSONS, Talcott et al. 1974, Interaccion social. *In*: **Enciclopédia Internacional de las Ciencias Sociales**. Madrid : Aguilar, p. 166-201. v.6
- PERROTTI, Edmir, 1990, **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo : Summus. 111 p.
- PERROTTI, Edmir, 1991, A cultura das ruas. *In*: PACHECO, Elza Dias (org.). **Comunicação, Educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Edições Loyola, p. 21-8.
- PERROTTI, Edmir, 1996a. **Projeto integrado; Biblioteca Interativa e Educação: um novo paradigma em Ciência da Informação**. São Paulo: CBD/ECA/USP. (projeto apresentado ao CNPq)
- PERROTTI, Edmir, 1996b, **Relatório parcial de pesquisa; Serviços de Informação Educativos: Oficina de Informação e Estação Memória**. São Paulo: CBD/ECA/USP (Relatório ao CNPq)
- PIMENTEL, Cléa, D. P. 1982, **Biblioteca pública e biblioteca escolar: uma integração necessária**. *In*: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 11, 1982, João Pessoa. **Anais...** João das diversas classes de assunto, isto é, dentro dos Pessoa : Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, v. 1, p. 1-16.
- PRIVAT, Jean-Marie, 1994, **Bibliothèque, école: quelles coopérations?** Paris: CRDP/Académie de Créteil. 270 p.



- RIBEIRO, Darcy, 1995, **O povo brasileiro**. São Paulo, Companhia das Letras. 470p.
- ROBINE, Nicole, 1991, Relais et barrieres: la perception de l'aménagement de l'espace et des classifications par les usagers dans les lieux de pret et de vente du livre. *In*: PRIVAT, Jean-Marie, REUTER, Yves. **Lectures et médiations culturelles**. Lyon: Presses Universitaires. p. 115-25.
- ROCHMAN, H. 1993, **Promoting books for a multicultural world**. Chicago, Londres: ALA/Books, Booklist Publications.
- ROMANELLI, Maria de Lourdes C. 1982, Ativação cultural em bibliotecas públicas e escolares-comunitárias. *In*: Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares. **Bibliotecas públicas e escolares**. Brasília : ABDF, 1982.
- ROVEMBERG, J. 1987, Library service to children with learning differences. **Library Trends**, v. 35, n. 3, p. 427-36.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica, 1996, **Currículos e programas. Setor de Atividades de Sala de Leitura. Capacitação inicial para professores orientadores de sala de leitura**. São Paulo : SUPEME/DOT. 67p.
- SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues, SCHERCHER, Eroni Kern, NEVES, Iara Conceição Bitencourt, 1993, **Ativando a biblioteca escolar**. Porto Alegre : Sagra/DC Luzzatto. 67 p. + pranchas.
- SMIT, Karen Patricia (ed.) 1993, Multicultural children's literature in the United States. **Library Trends**, Winter.
- SONES, C. Mary, 1981, School-public library co-operation adds strengths. **Canadian Library Journal**, v. 38, n. 2, p. 85-90.
- TAMEEN, Jamal A. 1988, School-public library co-operation. **Aslib Proceedings**, v. 40, n. 3, p. 87-99.
- UNESCO, 1979, **Guidelines for the planning and organization of school library media centers**. Paris: UNESCO.
- VICKERY, B. C. 1965, **On retrieval system theory**. 2 ed.. Londres: Butterworths. 191 p.
- VICKERY, B. C. 1970, *Techniques of information retrieval*. Londres: Butterworths. 262 p.
- WADA, Madalena Sofia M. 1985, **Democratização da cultura nas bibliotecas infanto-juvenis**. Belo Horizonte. Tese (mestr.) - Faculdade de Biblioteconomia UFMG.

